

PROFISSIONALISMO E AMADORISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: ANÁLISE DO FILME GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO (1963)

Leandro Maia Marques¹

Resumo: Neste artigo faremos uma análise histórica do documentário sobre futebol *Garrincha: alegria do povo*, de 1963, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, em uma perspectiva de história econômica, e recortamos três temas : a figura do operário-jogador Mané Garrincha, patente tanto em sua exploração como operário na fábrica de tecidos de Pau Grande como pelo clube Botafogo e a corolária ideia de produtividade e improdutividade(em dribles, nos jogos e em preparação e exercícios físicos fora dos jogos); a prática de recreação e lazer dos operários torcedores do futebol; e a relação contraditória entre profissionalismo e amadorismo, analisando a relação entre trabalho (do jogador profissional Mané Garrincha) e sua diversão peladeira em termos “ amadores”, como uma das avalizações dessa confusão e contradição , em um contexto do futebol brasileiro com simultânea presença desses dois termos contraditórios, e como um dos fatores para a final pobreza do jogador . Pretendemos fazer essa descrição, como forma de reconhecer e colocar em relevo a prática operária do futebol de sujeitos pauperizados (jogador e torcedor).

Palavras-Chave: Futebol brasileiro das décadas de 1950 e 1960; Operário jogador; Recreação de operários torcedores de futebol; Contradição entre futebol profissional e amador.

Analysis player worker, workers of fans and contractidion betqeen professionalism and amateurism in the brazilian football, movie from Garrincha: Joy of the people, for 1963

Abstract: In this article we will make a historical analysis of the documentary on football Garrincha: jubilation, 1963, directed by Joaquim Pedro de Andrade, in a perspective of economic history, and cut out three themes: the figure of the worker-player Mané Garrincha, in both patent his farm as a laborer in the factory Grande Pau fabrics as the Botafogo club and the corollary idea of productivity and non-productivity (in dribbling, in games and in preparation and exercise outside of games); the practice of recreation and leisure of the workers football fans; and the contradictory relationship between professionalism and amateurism, analyzing the relationship between work (professional player Mané Garrincha) and its peladeira fun in terms "amateur" as one of avalizações this confusion and contradiction, in a context of Brazilian football with simultaneous presence of these two contradictory terms, and as a factor for the ultimate poverty of the player. We intend to make this description as a way to recognize and put into relief the working football practice impoverished subjects (player and fan).

Keywords: Brazilian football in the 1950s and 1960s; Working-class playe workers football fans; Contradiction between professional and amateur football.

¹Mestrando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.
E-mail: leandromaiam@yahoo.com.br

A criatividade faz parte da nossa cultura . Isso não falta hoje em dia mas estamos limitando muito essa possibilidade. Nosso jogo é muito burocrático, e isso acontece basicamente porque há uma série de falhas na formação de jogadores [...] A CBF não tem um projeto de longo prazo, coordenado nacionalmente, para as divisões de base. Sócrates In: BELLOS Diálogo socrático. p.313.

Introdução

No contexto histórico atual (2015), de crise do futebol brasileiro, causada pela prisão do ex- presidente da CBF José Maria Marin e com a eliminação da seleção brasileira (a derrota para a Alemanha por 7X1 no *Mineração* na Copa de 2014 e a eliminação pelo Paraguai na Copa América de 2015), e de transformação (tentativa de elitização) econômica do futebol brasileiro, buscamos um tema da esfera operária e pauperizada do mesmo, por isso, faremos uma análise historiográfica do filme documentário *Garrincha, alegria do povo*², dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, produzido em 1962, e exibido originalmente em 1963.

No nosso procedimento de análise historiográfica, partiremos de uma perspectiva da história econômica, através do breve estudo dos agentes econômicos operários (jogador e torcedores), ambos abordados em uma perspectiva de tempo de lazer (torcedores) e de tempo de trabalho (referente à análise do jogador de futebol profissional, Mané Garrincha).

Teremos como fonte de análise e ponto de partida o filme *Garrincha, alegria do povo*, sua descrição e breve análise, em especial no ponto de partida que ele faz do uso do elemento futebol, e com ênfase no recorte que fizemos das questões *recreação dos operários torcedores de futebol; jogador operário; e contradição entre Amadorismo Profissionalismo no Futebol Brasileiro*, mas nossa metodologia de análise será tanto filmica como bibliográfica, e esta com diálogo direto com um recorte da bibliografia sobre o contexto histórico e a conjuntura econômica da produção do filme (1962 e 1963), bibliografia essa que será citada e usada criticamente no desenvolvimento do artigo, conforme o desenvolvimento das nossas questões.

O nosso recorte temporal referir-se-á aos anos de 1962 e 1963, nesse contexto histórico e político no qual o foi presidente João Goulart, e de bicampeonato mundial da seleção brasileira 1958/1962, de bicampeonato carioca pelo Botafogo em 1961 e 1962, de conquista do torneio Rio São Paulo de 1962 (sem o *Santos*), e de conjuntura econômica de crise, com aumento constante do custo de vida, em especial do valor do salário mínimo em cruzeiros, que aumentava, mas não conseguia acompanhar a alta inflação do período, no entanto, um dos poucos produtos e serviços que não eram aumentados era o preço do ingresso do futebol, em especial da Geral e da

² A nossa fonte analisada e referência para as futuras citações do filme será: *Garrincha Alegria do Povo*. Documentário, Preto e Branco, Rio de Janeiro 60 min .Globo Vídeo. NTSC/VHS. P&B. Sistema Globo de Videocomunicação. 1963. Diretor: Joaquim Pedro de Andrade.

arquibancada, e assim, mantinha parte desse grande número de torcedores, conforme exibido pelo documentário.

Nossa abordagem partirá de Miranda, pois, segundo ele *buscando [...] os sentidos que ele poderia assumir para aqueles que se limitavam a torcer, das arquibancadas ou das gerais [...] tentar entender esse movimento de outros pontos de vista* (MIRANDA, 2000), no entanto, apesar dele abordar praticantes diretos do futebol (peladeiros), abordaremos praticantes supostamente indiretos (torcedores) criando um sistema formado por duas partes interseccionadas entre si : jogador e torcedores num todo econômico comum interdependente (o jogador profissional joga porque há torcedor que paga ingresso e o torcedor torce porque há jogadores com competência técnica e profissional futebolística, mas não na relação vendedor/ produto/cliente e sim em um conjunto de análise que enfatiza o futebol em uma perspectiva econômica que enfatize os grupos sociais pauperizados, em especial, operários pobres (sobreviventes, em geral, com salário mínimo ou até menos que isso, caso dos trabalhadores precarizados e informais).

O filme mostra com certo destaque os *geraldinos*, torcedores que ficavam de pé na Geral, com menor conforto do que na tão confortável dura arquibancada de cimento, fenômeno social e econômico substancial que a despeito de sua riqueza, nesse trabalho será uma parte do tema *recreação dos operários torcedores de futebol* (conjuntura de ingressos baratos) e jogadores com salários baixos, daí a pertinência em nomeá-los como jogadores operários.

Nosso Objetivo será uma forma de reconhecer e colocar em relevo a prática operária do futebol de sujeitos pauperizados (jogador e torcedor).

Como há muitas obras sobre a análise textual do filme em si, nossa abordagem contextual e histórica, se justifica pelo fato deste filme abordar o tema futebol, elemento caro e com bastante prática em tempo de lazer, aqui por parte dos sujeitos históricos operários, especificamente torcedores, usaremos a ideia de lazer de José Vicente de Andrade, pois, segundo ele: *sofisticadas ações em busca de diversões programadas e repouso remuneradas recreação denota ocupações diferenciadas das atividades de trabalhos profissionais ou sistemáticos [...] traduz ação lúdica, regulamentada ou livre, descompromissada com trabalhos profissionais, que são atitudes que visam diretamente a finalidades de lucratividade financeira ou econômica [...] a recreação [...] é meio para que a realidade do lazer se concretize como seu próprio fim ou objetivo. O lazer [...] é fenômeno aberto que, depende de concepções particulares, de conveniências e necessidades, de circunstâncias e épocas. Conforme a diversidade do caráter e do temperamento das pessoas, as expressões do lazer aparecem como estáticas ou dinâmicas, definidas ou volúveis* (ANDRADE, 2001).

Neste sentido, faremos uma descrição do filme, do qual retiramos nossos três temas: primeiro: o lazer dos operários torcedores de futebol, pois ambos foram parte substancial dos torcedores exibidos pelo documentário, segundo: a presença dos jogadores operários, em especial, o “jogador operário” Mané Garrincha, escolhido por ser o tema do documentário analisado e por ter vários momentos de exploração financeira em sua carreira pelo Botafogo e, terceiro, futebol: do amadorismo ao profissionalismo: analisaremos a natureza conflituosa do futebol brasileiro das décadas de 1950 e 1960, em

especial, a presença conflituosa de dois polos antagônicos: amadores e profissionais, mesmo com a consolidação formal do profissionalismo desde 1933. A seguir, faremos apenas uma descrição sucinta do filme, pois as análises serão feitas nos tópicos temáticos seguintes.

Descrição do Filme

O filme documentário *Garrincha: alegria do povo*, realizado em 1962 e exibido originalmente em 1963, e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, aborda a trajetória biográfica e profissional de Manoel Francisco dos Santos, ou melhor, do jogador Mané Garrincha, já à época um jogador destacado do futebol brasileiro, parte de seus 613 jogos no Botafogo³ (no qual jogou de 1953 a 1965 e fez 242 gols), quando ocorreu o auge da carreira do jogador, (em especial o bi-campeonato carioca de 1961 e 1962) como na seleção brasileira, principalmente nas Copas do Mundo de 1958 na Suécia, e na Copa do Mundo do Chile, em 1962, nesta ele foi o principal destaque.

No início do filme, há a apresentação do jogador Mané Garrincha, suas principais jogadas, entre as quais, muitos dribles do jogador. Depois, em depoimento a uma entrevista, há uma posição crítica dele sobre sua fama de jogador de futebol, pois Garrincha reclama que a vida de famoso e o consequente assédio dos fãs é cansativa.

Em outra sequência, é exibido uma ida dele ao Banco Nacional de Minas Gerais, patrocinador do documentário, em uma agência do centro do Rio de Janeiro, na qual é verificado a sua popularidade e o assédio de muitos fãs ao jogador.

Depois, é mostrado ele em sua vida pessoal, fora do campo de jogo, ainda não modificada, mesmo sendo um jogador de futebol profissional importante, no distrito de Pau Grande, cidade de Magé, no estado do Rio de Janeiro, próxima à cidade do Rio de Janeiro, na sua humilde e pobre vida pois, segundo o narrador : *glórias que ele continua a guardar em lugar modesto e que não foram capazes de alterar a simplicidade de sua vida*⁴. Aqui, é mostrado em destaque sua família, suas filhas, seus passarinhos e seus amigos de infância, Pincel e Swing.

Esses dois amigos, operários e tecelões da *Fábrica de Tecidos de Pau Grande*, e antigos companheiros de trabalho nesta fábrica de Garrincha, eram seus companheiros regulares de pelada às quais Garrincha se dedicava em seus dias de folga, segundo o narrador: *descalços, disputando a bola com seus amigos que Garrincha passava os dias de folga [...] jogam como meninos alegres e sem compromisso, o brinquedo é a bola e a recompensa era um copo de cerveja que os vencidos pagavam aos vencedores no bar da cidade*⁵.

Em outra sequência, sobre a fábrica de tecidos, é feita uma comparação entre o salário de Garrincha e de seus amigos e ex-companheiros de fábrica, e, segundo o narrador: *trabalham oito horas por dia e recebem salário mínimo*,

³ Os dados sobre a carreira de Mané no Botafogo foram retirados da fonte: NAPOLEÃO, Antônio Carlos. Botafogo: histórias, conquistas e glórias no futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

⁴ Ver mais em *Operários-jogadores* p. 08.

⁵ Ver mais em *Futebol: do Amadorismo ao Profissionalismo*. p.09.

como jogador de futebol Garrincha ganha atualmente cerca de 500.000 cruzeiros por mês ⁶.

Depois, em outra sequência, é exibido o seu ofício de jogador profissional, mas fora dos gramados, em uma situação em que ele era, segundo o narrador: *obrigado a se submeter a um regime de concentração, ficam três dias recolhidos na mesma casa que o clube aluga, ficam as 24 horas de acordo com as prescrições do treinador e do departamento médico.*

Em boa parte dessa sequência, ele é mostrado em desnível físico com os demais colegas do time, por ter uma menor propensão a treinar, e o narrador do filme diz: *é um veterano cada vez mais impaciente com a rotina dos treinos que o seu comportamento de guerrilheiro nunca comportou, guloso e com tendência a engordar é a vítima preferida dos preparadores físicos.*

Depois é exibida uma sequência com o depoimento do médico ortopedista do Botafogo sobre as pernas tortas de Garrincha, em um discurso técnico quase incompreensível, e depois é mostrada uma benzedeira a que Garrincha sempre recorria por causa de seu problema no joelho, aqui presente duas formas de cura: a medicina popular e a medicina científica oficial.

Na sequência sobre a Copa de 1962 é exibido seus vários jogos, desde a estreia contra o México até a final contra a então Tchecoslováquia, em especial, é descrito uma característica profissional diferente de Garrincha, pois ele é descrito como um *guerrilheiro ao contrário do estrategista Didi* e como *rebelde às táticas*. No entanto, tal característica não tem um teor “*anti-profissional*”, pois o posterior plano exhibe a anterior Copa de 1958, na final contra a Suécia, e Garrincha como portador de talento e habilidades objetivas, pois é exibido cenas em que ele dribla duas vezes pela direita vai até a linha de fundo, onde existe mais espaço para ele exercer sua técnica, e cruza para o centro-avante na pequena área marcar o gol .

Na próxima sequência são exibidas duas interpretações sobre a relação entre o público e o futebol: uma de caráter psicanalítico que redundava na violência, e, uma segunda, segundo o filme, *mais sensata*, que vê o futebol *para gastar o potencial emotivo que acumula por um processo de frustração na vida cotidiana, o universo do estádio é um mais cômodo para o exercício das emoções humanas.*

Depois é exibido o ciclo completo de uma partida que acaba e o retorno a uma nova partida, esta através de cenas com os torcedores chegando à estação de trem e entrando, afoitos e ansiosos, no estádio do Maracanã, e, segundo o narrador: *o último apito devolve [...] ao apito de um novo jogo*, tudo com um samba ao fundo, do Império Serrano, que diz *nossa escola sabe vencer*, aqui há uma noção de vitória tanto da letra do samba quanto da vitória do time de futebol.

Na última sequência aparece a repetição dos vários dribles de Garrincha, já exibidos antes pelo filme e, por fim, mostra um gol de Garrincha e ele , em imagem estática, dentro das redes do fundo do gol.

Essa montagem do filme está ancorada na proposta de Joaquim Pedro de Andrade em construir uma narrativa deliberadamente crítica em uma linha de argumentação em relação à narrativa/montagem linear *hollywoodiana*, que almeja, e quase sempre obtêm um efeito de realidade, a ilusão escamoteada,

⁶ Ver mais em *Operários-jogadores* p. 08.

através da desconstrução da fronteira conceitual entre a realidade (a vida e a carreira boleira de Mané Garrincha) e o efeito de realidade da narrativa cinematográfica, por isso, a montagem do filme constrói planos que desconstruem o suposto ídolo Mané Garrincha, ao explicitar aspectos contingentes e falhos dele, como, por exemplo, seu alheamento aos treinos.

O diretor coloca Garrincha como um jogador, que, mesmo importante e com muita habilidade em sua profissão, possui uma limitação, de natureza humana, que o torna mais próximo de uma pessoa comum, de um trabalhador e operário comum, e menos de um ídolo *hollywoodiano*, através da exibição de planos em que ele aparece com os seus amigos de infância, com sua família nuclear (esposas e filhas) e com seus parentes, e esta abordagem menos pessoal e mais social e coletiva, de humanização e limitação, do sujeito social e econômico Manuel, nos permite a construção e discussão do aspecto operário do jogador, a ser feito no segundo tópico *Jogador Operário*.

A partir da descrição do filme, levantamos uma ideia que formará os seguintes tópicos *Jogador Operário* e *Recreação dos Operários Torcedores de Futebol* e será o eixo norteador desse artigo: a ideia de operário a qual fecha o todo das duas partes, pois, segundo José Sérgio Leite Lopes citado por Bellos: *Garrincha era identificado com o público. Ele nunca perdeu suas raízes populares. Ele também foi explorado pelo futebol, portanto, foi um símbolo da maioria dos brasileiros, que também são explorados* (BELLOS, 2003).

Lazer dos Operários Torcedores de Futebol

O público dos torcedores de futebol, segundo Toledo, *milhões de outros torcedores, chamados de “comuns”, que retiram cotidianamente do futebol inumeráveis formas de sociabilidade e convivialidade* (TOLEDO, 2000) não era apenas formado por operários e pessoas pobres, pois o público de futebol atinge todas as classes sociais e econômicas, mesmo as classes média e alta. No entanto, enfocaremos o aspecto operário e dos torcedores pobres do futebol, por este ser o grupo mais exibido no documentário.

No decorrer do filme, levantamos várias cenas que exibem o público de torcedores nos mais variados aspectos: xingamento, apreensão, alegria e risos, risos incontidos, gritos, levantam braços de alegria, frustração pelo fim do jogo, tédio, desapontamento, incredulidade, violência, brincadeira carnavalesca ao fazer guerra de papel entre os torcedores.

A maioria desses torcedores iam ao estádio para se divertirem, ter um momento de passatempo sobre seu trabalho formal, dentro de um tempo a ser destinado às de não trabalho, caso da ida ao estádio de futebol, no qual cada operário faz uma escolha individual.

Um dos fatores para a ida dos operários aos estádios era devido ao baixo preço do ingresso, em especial na Geral, setor do estádio em que os torcedores ficavam de pé e expostos ao sol forte e em que o ângulo de visão era mais reto, a despeito de estar próximo ao gramado. Os preços dos ingressos seguiam a lei da oferta e da procura e, devido ao caráter popular do futebol brasileiro daquele contexto, os preços dos ingressos eram mais baixos, pois havia muitos torcedores que pagavam esses ingressos, a preços baixos, por isso a existência desse fenômeno.

Jogador Operário

Esse tópico é construído, reproduzindo uma lógica da vida profissional de Mané Garrincha, pois ele, antes de ter como profissão a função de jogador de futebol, ele teve outra profissão: a de operário da fábrica de tecidos de Magé, na ideia de relações de produção e de classe, em especial: a exploração a qual estava sujeito (na fábrica, primeiro e mais como ponto de partida) e no Botafogo (esta a ser melhor analisada), e na ideia de produtividade (seus grandes jogos e dribles objetivos) e de improdutividade (corrente como operário da fábrica e em partes do Botafogo, como sua aversão aos treinos e aos dribles desnecessários e jogadas “de moleque” que realizava).

A ideia de jogador como trabalhador está presente na noção de produtividade e de eficiência, e as cenas do filme, mostram, às vezes, Garrincha como improdutivo pois driblava muito e não ia direto e com objetividade ao gol, mas na maior parte das cenas do filme, em seus lances o drible era produtivo, pois após driblar um zagueiro, ou melhor, um *João* ela ia até uma área do gramado com mais espaço, como a linha do fundo ou no meio do campo e lançava para um companheiro de time, ou seja, sua extrema habilidade era produtiva.

Nos treinos e exercícios físicos, exibido no filme, o seu lado “amador” de aversão aos aspectos pragmáticas e maçantes do futebol poderia conceituá-lo como um trabalhador improdutivo, pois tanto por incompetência, incapacidade em buscar melhor e resolver essas suas inaptidões como mesmo indiferença e até preguiça em treinar, dispersão, pois, ele tinha o hábito de brincar com os colegas de profissão, em momentos de profissão, e isso é considerado como informal e não condizente com uma atividade formal, como a profissional.

No entanto, ele por ser uma exceção à regra, ou seja, ser um jogador que possuía uma habilidade não obtida a base de treinos e exercícios físicos tinha a ideia de se garantir sem precisar treinar, no entanto esse alheamento e indiferença à parte atlética do futebol, somado à sua idade avançada, para um jogador de futebol, pois tinha na época mais de 30 anos, contribui para a queda rápida de sua carreira.

A exploração na fábrica esteve presente, pois, apesar de sua improdutividade na mesma, pois, segundo o narrador: *no tempo em que trabalhava na fábrica como operário, conseguia dormir em meio ao trabalho infernal das máquinas e várias vezes esteve para ser demitido*. Ele trabalhava em péssimas condições de trabalho, segundo o trecho citado antes, e recebia baixos salários assim como seus colegas de bola e de copo, Pincel e Swing que *trabalham oito horas por dia e recebem salário mínimo, e continuaria assim se não tivesse tornado jogador de futebol profissional*.

A continuidade dessa exploração, agora pelos dirigentes Botafogo, é uma forma de *entender [parte dos...] os aspectos estruturais perversos que marcam a nossa sociedade [...] a forte concentração de renda no universo profissional do futebol: pouquíssimos são os jogadores no Brasil que ganham muito* (MURAD In: CAMPOS; ALFONSI, 2014).

A despeito de ele ter ganhado mais do que a maioria dos seus colegas de profissão, e mesmo ter tido uma melhora profissional em relação à sua anterior profissão de operário de fábrica, ele foi explorado pelos dirigentes do

Botafogo, pois segundo Wisnik: “*Sua relação com o clube do Botafogo seguiu sempre o modelo patronal-paternalista, com o jogador assinando contratos em branco, desligado do dinheiro [...] O seu amadorismo congênito num meio não amador, em vez disso oportunista e pouco profissional não lhe nega nenhuma sobrevida financeira* (WISNIK, 2008).

No entanto, houve momentos em que esse operário teve consciência, e de forma não conformista e, mesmo polêmica, ele se revoltou contra a exploração a que era submetido, e segundo Franco Junior: “*O clima de reivindicação atingiu também o futebol [...] Os trabalhadores da bola começaram a solicitar sua parte. Em 1962, Garrincha desentendeu-se com os dirigentes. Queria receber melhores salários, assinar melhores contratos, ser mais considerado pelo clube*” (FRANCO Junior, 2007).

Na sequência, sobre a fábrica de tecidos, é feita uma comparação entre o salário de Garrincha e de seus amigos e ex-companheiros de fábrica, e, segundo o narrador: *trabalham oito horas por dia e recebem salário mínimo, como jogador de futebol Garrincha ganha atualmente cerca de 500.000 cruzeiros por mês*⁷, aqui, verificamos uma espécie de exploração mais que perfeita, pois mesmo sendo Garrincha explorado pelo Botafogo seus amigos e a maioria dos operários da fábrica de Pau Grande eram muito mais explorados, nesse trecho do filme, poderíamos até pensar que Garrincha tinha melhorado de vida e estava melhor do que antes, mas não, pois vimos aqui um eixo de continuidade biográfica, e de exploração profissional, de Garrincha: de operário da fábrica a operário jogador de futebol.

No contexto do futebol brasileiro das décadas de 1950 e de 1960, as relações de trabalho desiguais estavam presentes, pois a exploração econômica e trabalhista era geral, pois *a carreira de jogador de futebol não era regulamentada. Não tinham carteira profissional assinada, nem direito a férias ou a 13º salário* (CASTRO, 1995).

Os jogadores de futebol estavam inseridos em uma lógica do mercado de trabalho capitalista, assim como em outras profissões, segundo o qual apenas poucos trabalhadores eram bem sucedidos individual e financeiramente, pois coletivamente imperava o fracasso profissional e financeiro, isso, por si só não explica, mas alimenta a contradição profissionalismo/amadorismo e através dessa, podemos tentar entender a situação de pobreza que atingiu, mesmo um suposto privilegiado, e hipoteticamente bem-sucedido jogador de futebol profissional da época, que deveria ser a exceção que reiterasse a regra, mas isso não aconteceu, e explicaremos melhor essa situação no tópico posterior, *Futebol: A Contradição Amadorismo ao Profissionalismo*.

A Contradição entre Amadorismo ao Profissionalismo no Futebol Brasileiro

O processo de formalização do profissionalismo no futebol brasileiro é bem descrito por Murad, pois, segundo ele: *As etapas principais desse processo foram as seguintes: o início deu-se entre os anos de 1910/1920 e nesta década começou a chegar aos clubes, para crescer no decênio seguinte,*

⁷ Ver mais em *Operários-jogadores*, p. 08.

quando o profissionalismo foi implantado em 1933. Os anos de 1940 e 1950 tornaram definitiva a popularização do futebol brasileiro (MURAD In: CAMPOS; ALFONSI, 2014).

O futebol brasileiro já possuía uma fonte de dinheiro considerável desde 1917: até 1933, através da cobrança de ingressos dos torcedores, depois, segundo Toledo ocorre uma *segunda profissionalização, que teve no processo de centralização e corporativização administrativa do esporte brasileiro, implementado no período getulista (anos 40 e 50), e no incremento dos meios de comunicação um redirecionamento significativo no sentido da expansão do esporte como fenômeno de massa. Um certo espírito coletivizador parecia coadunar o futebol jogado dentro e fora do campo* (TOLEDO, 2000).

Nos anos 1950 e 1960, no contexto de início da carreira dele, 1952, o futebol brasileiro já era profissional (desde 1933), ou seja, essa confusão tem uma natureza questionável na essência, mas na aparência ela tem certos elementos de pertinência, contradição essa que, inclusive, possibilitou o desenvolvimento desse tópico de análise, pois, a despeito da profissionalização, a presença de atletas profissionais que apenas tinham o futebol como sua profissão desde 1933, mesmo que, em sua maioria, com parca remuneração salarial, mas, com exploração profissional, pois, segundo Sócrates, *até os anos 1970 [para os] jogadores profissionais [seus...] salários eram muito baixos* (Sócrates apud BELLOS 2003).

Neste sentido, essa estrutura profissional se desenvolve mais, com a existência de uma estrutura profissional, formada por departamento técnico, médicos, preparadores físicos, refeitórios, gastos com salários e bichos, a qual exigia certo capital, obtido das receitas líquidas dos clubes, advindos dos ingressos cobrados e de vendas de alguns jogadores, mas este lucro era dividido socialmente apenas entre poucos *cartolas*. Essa situação, presente no Botafogo, é bem exemplificada por uma crônica de Sandro Moreyra, publicada no Jornal do Brasil em 22/12/1961, pois, segundo ele: *O título carioca de 1961 é uma decorrência da política de grande time, de puro profissionalismo, que o Botafogo seguiu durante os 4 anos da administração Paulo Azeredo. O Botafogo foi o único clube do Rio que soube encarar com sensibilidade e Inteligência a realidade do profissionalismo* (MOREYRA apud NAPOLEÃO).

Uma ideia idealizada sobre Mané Garrincha e sobre o futebol brasileiro em geral, entre as décadas de 1950 a 1970 (época dourada da geração Pelé/Garrincha) é de matriz romântica e parcial segundo a qual os jogadores de futebol jogavam por amor à camisa, não eram interesseiros nem mercenários. Mas é necessário problematizar essa ideia, pois essa noção se relaciona com outro elemento dessa contradição: a diversão, recreação, ou melhor, a prática de futebol amador, pelada, por Garrincha, em seus momentos de lazer e de não trabalho nos campos de Pau Grande, presente mesmo em um jogador de futebol profissional importante e consagrado à época.

A ideia de Garrincha como jogador “amador”, ou “não profissional”, poderia ser avalizada por Castro, pois, segundo ele: *Ninguém sabia ainda que Garrincha era o profissional mais amador que o futebol poderia produzir. E que, para ele, a alegria do futebol não estava em fazer gols. Nem em vencer a partida. Nem mesmo em ganhar o bicho [...] A graça estava em driblar, apenas driblar. Estava no futebol em estado selvagem e lúdico [...]* (CASTRO. 1995).

A falta de jeito para lidar com as contingências da sua carreira profissional, tanto nas questões de produtividade e de improdutividade, como em reiteraões atávicas do seu lado amador de jogar profissionalmente, está presente no seguinte trecho: *E nunca chegou a estar à vontade na situação de esporte profissional. Aos olhos dos amantes do futebol, a falha de jeito que ele mostrava na condução de sua carreira [...] reforçava a pureza de seu jogo. Se este último realmente fazia a “alegria do povo”, é porque ele passava menos por um espetáculo produzido com meios profissionais através do treinamento e da disciplina, do que por um sentido inato do “jogo pelo jogo” [...]*(LOPES , 2006).

A relação contraditória entre profissionalismo e amadorismo no futebol brasileiro das décadas de 1950 e 1960, em especial o discurso de ênfase no futebol amador e não planejado, foi voluntária e produzido, entre outros, por alguns dos poucos “ patrões “ do futebol: em especial, os dirigentes do Botafogo e da CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

O futebol brasileiro das décadas de 1950 e de 1960, a despeito de possuir resíduos amadores, já tinha se profissionalizado, em uma pequena parte da gestão da CBD (desde 1958) e de alguns clubes, e, segundo Franco Junior: *o futebol também foi influenciado pelas premissas do planejamento estratégico [...] e gestão empresarial*⁸ e, segundo Freitas houve um *projeto modernizador e de profissionalização autoritária do futebol brasileiro, mecanismos de controle, eficiência, administração racionalizada*⁹.

E, um dos resultados dessa contradição profissionalismo/amadorismo, foi a pobreza financeira de um de seus principais jogadores, pois, segundo Bellos *Enquanto havia certo romantismo no fato de ser um espírito livre nos gramados, fora deles os amigos de Garrincha começavam a se preocupar com sua simplicidade. Sugeriram que contratasse um consultor financeiro. Dois funcionários do banco foram a sua casa em Pau Grande e ficaram chocados ao encontrar dinheiro apodrecendo nos armários da cozinha, atrás dos móveis e numa fruteira. Sua casa era um pardieiro. O bicampeão do mundo vivia nas mesmas condições de um operário miserável* (BELLOS, 2003, p.94), situação reiterada por uma sequência do filme: pois, segundo o narrador: *glórias que ele continua a guardar em lugar modesto e que não foram capazes de alterar a simplicidade de sua vida*”.

Conclusão

A escrita historiográfica permite certas reflexões, atualmente (2015), percebemos uma transformação nas visões gerais sobre o futebol, pois, em

⁸ Esse modelo empresarial foi implantado na gestão da seleção brasileira de futebol por Paulo Machado de Carvalho, e por sugestão do presidente da CBD João Havelange, para a preparação às Copas de 1958 e 1962, pertinente na relação entre a seleção brasileira e o jogador Mané Garrincha, o qual pode ser considerado menos um esforço de generalização e mais de referência para, uma parte da gestão profissionalizada, restante do futebol brasileiro, em especial para a gestão do Botafogo e a sua relação inequívoca de exploração em relação ao seu jogador principal, Mané Garrincha. Ver em HILÁRIO Júnior, 2007.

⁹FREITAS Junior, Miguel Archanjo de. **O Plano Paulo Machado de Carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros?** Rio de Janeiro: Recorde Revista de História do Esporte. Vol.7, n.1, jan-jun 2014. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php?Recorde/article/view/1241/1172> Acesso em: 25 mar 2015.

chaves de futebol-empresa, o âmbito econômico é pertinente não para reiterar o discurso conservador da mídia e dos clubes de sócios-torcedores, mas, pelo contrário, uma ênfase no lado operário e pauperizado do futebol brasileiro.

Achamos que demos uma contribuição mínima para essa discussão fora de abordagens as quais enfatizam aspectos apenas individuais e exóticos de grandes “vultos históricos” do futebol brasileiro, e que aceitam a inexorabilidade das coisas do futebol-empresa atual, por isso, a análise histórica de um contexto pretérito, mas com continuidades atuais, traz novas possibilidades de ver o futebol, tanto da arquibancada quanto da academia.

Referências

ANDRADE, José Vicente de. *Lazer- princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ARAÚJO, Luciana Sá Leitão Corrêa de. *Joaquim Pedro de Andrade: primeiros tempos*. Tese Ciências da Comunicação. São Paulo : ECA USP, 1999.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTRO, Ruy. *A estrela solitária- um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCOREL, Eduardo. *Adivinhadores de água – pensando no cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FRANCO Junior, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS Junior, Miguel Archanjo de. *O Plano Paulo Machado de Carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros?* Rio de Janeiro: Recorde Revista de História do Esporte. Vol.7, n.1, jan-jun 2014. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php?Recorde/article/view/1241/1172>. Acesso em 25 mar 2015.

Garrincha Alegria do Povo. Documentário, Preto e Branco, Rio de Janeiro 60 min. Globo Vídeo. NTSC/VHS. P&B. Sistema Globo de Video comunicação. 1963. Diretor: Joaquim Pedro de Andrade.

LOPES, José Sérgio leite. A morte da “alegria do povo”. In: MELO, Victor Andrade de; ALVITO, Marcos (Org.). *Futebol por todo o mundo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.81-114.

MIRANDA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil: interações. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 262-280.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Botafogo: histórias, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 26 de março de 2015

Aprovado em 04 de agosto de 2015